

5º livro da série

ETNOQUÊ?

COMO SE COLETAM DADOS DISCURSIVOS?

Autores: Priscila Tavares dos Santos
e Rolf Malungo de Souza

" Compreender para transformar realidades "



Série **Etnoquê?**



Projeto **HELPING THE POOR STAY PUT**

A pesquisa teve como objetivo a compreensão dos esforços empreendidos por conjunto de famílias na demanda pela moradia na Região Portuária e suas adjacências na Cidade do Rio de Janeiro, buscando-se ainda compreender os esforços empreendidos por moradores mobilizados através de Movimentos Sociais e beneficiários de políticas habitacionais pela permanência em um espaço imbricado por competições pelo uso e pela apropriação do território, foco de projeto de “revitalização” subsidiado pelo Estado, a exemplo de outras regiões metropolitanas do chamado países em desenvolvimento que sofreram com os efeitos da transformação de áreas portuárias como consequência das mudanças neste setor estratégico da economia, fazendo com que estas áreas fossem abandonadas e se deteriorassem com o tempo, dessa forma o valor dos imóveis, criando territórios de interesses para o capital financeiro e outros setores econômicos e políticos com um espaço de ampliação do projeto civilizatório de desenvolvimento nos centros hegemônicos de poder. (GONZÁLEZ, 2012). No âmbito do projeto, foram valorizadas diferentes experiências de mobilização comunitária sob a perspectiva dos valores das famílias trabalhadoras na luta pelo acesso ao direito à moradia.

A proposta metodológica do projeto baseia-se em uma abordagem implicada, na qual os pesquisadores participam ativamente do campo de estudo. Isso significa que o conhecimento é construído de forma coletiva, a partir da interação com os grupos sociais envolvidos, valorizando suas experiências e saberes. Essa abordagem busca não apenas compreender a realidade, mas também contribuir para transformações sociais concretas.

A equipe era composta por pesquisadores afiliados a universidades no Brasil e no exterior: Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Syracuse University (EUA), King’s College London (Inglaterra) e University of Melbourne (Austrália). É cabe destacar que como parte de seus membros-pesquisadores contou com liderança de movimento social organizado de luta pela moradia no Estado do Rio de Janeiro como importante componente e debatedor das questões etnograficamente identificadas pelos demais integrantes. Durante todo período da pesquisa, contamos com financiamento National Science Foundation (EUA) e do Economic and Social Research Council (Reino Unido).

Equipe de pesquisa

- Samuel Burdick (in memoriam), antropólogo, coordenador do projeto, docente do Departamento de Antropologia da Syracuse University;
- Priscila Tavares dos Santos, doutora em antropologia e bolsista CNPq/FAPERJ para Fixação de Jovem Doutor no Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Veiga de Almeida;
- Rolf Malungo de Souza, doutor em antropologia, docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino no Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense;
- Jeffrey Garmany, doutor em geografia e docente da University of Melbourne (Austrália);
- Michelle Lima Domingues, doutora em antropologia e docente do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense;
- Roberto Gomes dos Santos, Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e representante da Central de Movimentos Populares, Quilombo da Gamboa e Vitto Giannotti;
- Émilie B. Guérette, mestre em antropologia pela EHESS/Paris e cineasta pelo Institut de l’image et de Son de Montreal (Canadá).

Parceiros | Partners:

- Syracuse University
- King's College London
- Universidade Federal Fluminense
- Universidade Federal do Rio de Janeiro
- National Science Foundation
- Economic and Social Research Council

Videomaker:

- Émilie B. Guérette

APRESENTAÇÃO

Etnoquê? é uma série de **7 curtos vídeos didáticos** introduzindo as bases do método de pesquisa etnográfica voltada para a luta pela justiça social.



Acesse o vídeo!

A série é apresentada pelo professor e antropólogo Rolf Malungo de Souza (UFF), e ilustrada com imagens e exemplos concretos da pesquisa-ação etnográfica internacional “Lutas Pela Moradia No Centro Da Cidade”, que visa estudar e sustentar diversas lutas em prol da moradia popular em torno da zona portuária do Rio de Janeiro.

O “Etnoquê?” propõe a democratização do acesso ao conhecimento antropológico, privilegiando o método etnógrafo como ferramenta de luta por justiça social, em especial para promoção do acesso a direitos constitucionais. Consideramos que, ao apresentarmos e discutirmos

os elementos do fazer etnográfico, a partir do método da observação participante e dos processos de coleta de dados e de interação comunicativa, podemos refletir sobre a importância das relações e práticas cotidianas no campo de pesquisa. Almejamos, assim, contribuir para o acesso qualificado às visões de mundo de interlocutores e beneficiários de projetos populares, em linguagem acessível e motivadora, de forma a ser útil a movimentos sociais e a estudantes das ciências sociais.



Veja mais em:

<https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/1925>

COMO SE COLETAM DADOS DISCURSIVOS?

A etnografia se baseia muito na troca de ideias com as pessoas. Mas como fazer para **pegar essas conversas e transformá-las em dados científicos a serem analisados?**

Hoje, a gente vai se interessar à coleta de dados discursivos, ou seja, tudo o que tem a ver com **a linguagem oral e escrita.**

Acompanhe o antropólogo John Burdick no trabalho de campo junto o grupos de luta pelo direito à moradia no centro da cidade.

“

O testemunho das pessoas é a matéria-prima da pesquisa.

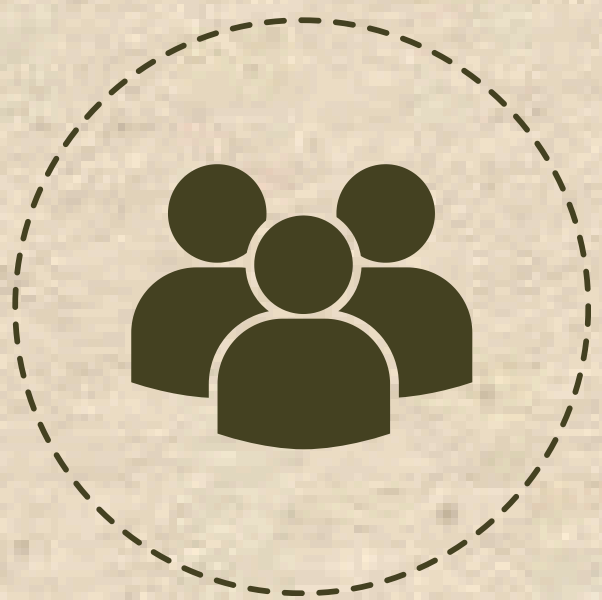
”

– John Burdick

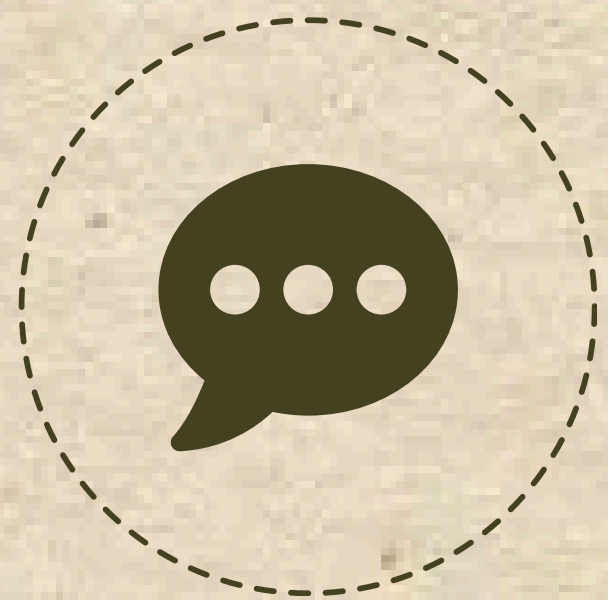


GÊNEROS DISCURSIVOS ESPONTÂNEOS

A primeira coisa à qual vocês têm que prestar atenção ao entrar no campo é quais são os gêneros discursivos espontâneos, quer dizer: as falas, as escritas que estariam acontecendo independentemente da sua presença no campo.



PESQUISADOR
observa



FALAS E ESCRITAS
ESPONTÂNEAS

Observe o que acontece naturalmente.
Escute, registre e compreenda.

1. FALAS PÚBLICAS

São discursos produzidos em espaços públicos ou coletivos, tanto dentro do grupo quanto fora dele, mas que têm importância para as pessoas.

- reuniões, assembleias e atos públicos;
- discursos de líderes políticos ou religiosos;
- entrevistas e declarações à imprensa;
- conteúdo midiático que eles ouvem e leem.



2 CONVERSAS INFORMAIS

Conversas do dia a dia que acontecem naturalmente entre as pessoas na sua frente.

- almoço em família;
- bate-papo entre vizinhos na rua;
- histórias contadas no bar;
- comentários em voz baixa durante uma reunião;
- até as fofocas!



3. LETRAS, POESIA, LINGUAGEM ESCRITA

É importante também prestar atenção à linguagem artística, sendo:

- letras de músicas;
- poesias;
- roupas;
- cordéis;
- grafites;
- entre outros.

que tem importância na vida dessas pessoas, por exemplo, as letras de música que elas compõem, se for o caso, e ouvem. Isso revela muito sobre o universo delas.



4. VOCABULÁRIO ESPECÍFICO DO GRUPO

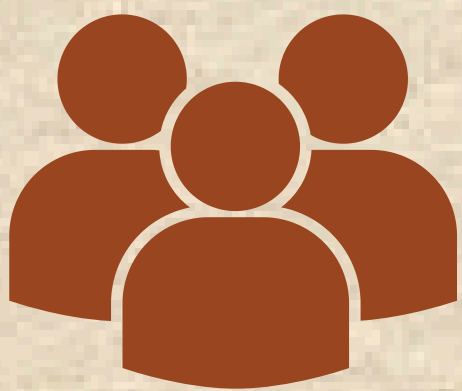
Finalmente, qualquer grupo tem seu vocabulário específico e é muito importante vocês prestarem atenção e passarem a dominar o conhecimento deste vocabulário.

A língua constrói nossa identidade, nosso imaginário, a nossa visão de mundo, então o fato de entender e dominar o vocabulário do grupo também vai permitir realmente adquirir este olhar de dentro que qualquer etnógrafo está procurando.



GÊNEROS DISCURSIVOS INDUZIDOS

Além dos discursos espontâneos, você, enquanto pesquisador(a), vai provocar um monte de conversas com as pessoas. Chamamos isso de **gêneros discursivos induzidos pelo pesquisador**.



ESPONTÂNEOS

(acontecem por si)

Você observa e registra.



INDUZIDOS

(provocado por você)

Você provoca e aprofunda.



1.

CONVERSAS INFORMAIS (PROVOCADAS)

As conversas informais são conversas que você puxa com as pessoas ao longo do trabalho de campo, a qualquer momento, sem agendamento.

Elas podem acontecer:

- na esquina da rua;
- na praça;
- no transporte;
- no botequim;
- durante uma caminhada.

Elas têm valor essencial para entender justamente qual é a lógica do grupo.



2. ENTREVISTAS APROFUNDADAS

Nenhuma etnografia seria completa sem entrevistas individuais aprofundadas com pessoas do grupo.



Procure diversidade! O ideal é conhecer entre 30% e 40% do grupo estudado (por conversas ou entrevistas). Sempre peça autorização antes de gravar e, muitas vezes, será preciso entrevistar a mesma pessoa mais de uma vez para ir a fundo nos assuntos.

3 DICAS PARA CONDUZIR UMA BOA ENTREVISTA

1

CHEGAR PREPARADO

Chegue preparado. Identifique com antecedência os assuntos que você quer tocar com a pessoa. O objetivo de uma entrevista etnográfica é entender o ponto de vista do entrevistado sobre um número determinado de assuntos; não é tanto conseguir respostas estreitas respondendo á uma lista de perguntas lineares. Tem que ter abertura para deixar a pessoa à vontade para responder livremente

2

PEDIR EXEMPLOS, HISTÓRIAS

Peça exemplos concretos, histórias detalhadas para realmente entrar num conteúdo rico

3

PRATICAR ESCUTA PROFUNDA

E finalmente, exercite sua capacidade de escuta profunda, que é uma das maiores qualidades do etnógrafo. Fique atento aos momentos súteis de expressividade – um comentário a parte, um gesto nervoso, uma expressão do rosto – que revelam um assunto importante.

Existem várias técnicas de entrevista dentro do campo da antropologia. A seguir, agente vai ver três.



1. GRANDE TOUR

A pergunta grande tour consiste em pedir para a pessoa te contar uma história, uma cena que ela já vivenciou no passado ou que poderia viver no futuro.

A ideia é de ela te contar em detalhes para você imaginar exatamente como foi ou como seria.

EXEMPLO



Numa entrevista entre John e Viviane, ela estava falando das dificuldades que a família dela está passando no conjunto habitacional onde ela mora e mencionou um momento difícil para ela, que foi o dia em que a água foi cortada durante três dias.

Aí a Viviane contou de maneira detalhada a história dela e o John achou uma boa oportunidade de aplicar a técnica do grande tour.

2. MINI TOUR

Dentro dessa história, o John identificou um momento-chave para Viviane, um detalhe crucial que a fez reagir fortemente, que foi uma interação que ela teve com uma vizinha quando ela estava sem água.

Daí, o John passou para a técnica do mini-tour, que é a vertente curta da precedente, onde ele pede para ela aprofundar este momento muito específico.

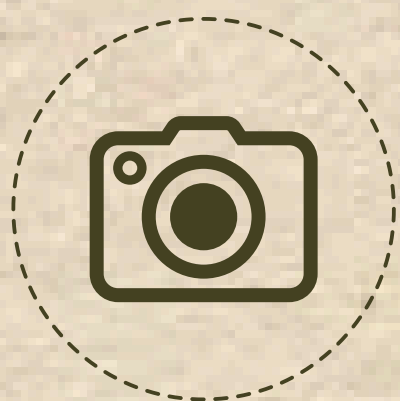


A chave do mini tour é de estar atento a elementos que a gente chama de "**radioativos**" para a pessoa entrevistada, ou seja, elementos que parecem revelar coisas mais significativas do que parecem.



3. ENTREVISTA GUIADA POR OBJETOS OU IMAGENS

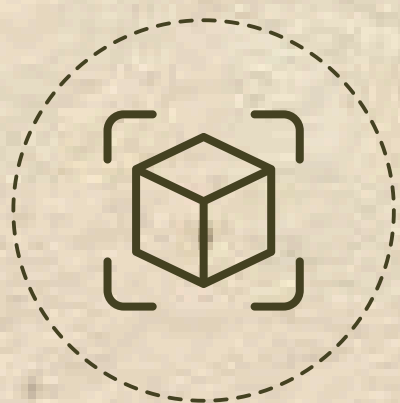
É geralmente muito eficaz estimular a entrevista com coisas concretas que geram memórias, significados e explicações. Como:



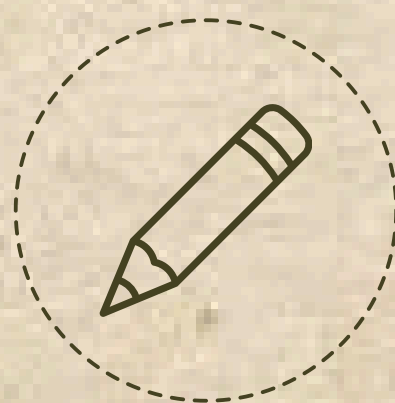
FOTOGRAFIAS



MAPAS



OBJETOS



DESENHOS

Esses recursos ajudam a pessoa a se lembrar, expressar e explicar com mais profundidade.



4. CAMINHADA EXPLICATIVA

A última técnica de entrevista é a caminhada explicativa, ou seja, uma entrevista em movimento.

A ideia é acompanhar a pessoa num lugar significativo ou numa rotina cotidiana dela, e pedir para ela explicar os lugares e as etapas.

“ —

Muitas pessoas se sente mais à vontade pra conversar num ambiente informal ou em ação, fazendo uma outra coisa ao mesmo tempo.

— ”



ETNOQUÊ?

LUTAS PELA MORADIA

no centro da cidade



Acesse o vídeo!



Acesse a playlist!